

30
Anos

Ano XXIX - Vol. XXIX - (1): Janeiro/Dezembro - 2025

CIÊNCIA
Geográfica
ISSN Online: 2675-5122 • ISSN-L: 1413-7461
www.agtbauru.org.br


DOI: <https://doi.org/10.18817/26755122.29.1.2025.4188>

GEOGRAFIAS, JUVENTUDES E EDUCAÇÃO POPULAR: REFLEXÕES EM PRÉ-VESTIBULARES NA REGIÃO METROPOLITANA DE PORTO ALEGRE

**GEOGRAPHIES, YOUTHS AND POPULAR EDUCATION:
REFLECTIONS IN PRE-UNIVERSITY COURSES IN THE METROPOLITAN
REGION OF PORTO ALEGRE**


**GEOGRAFÍAS, JUVENTUDES Y EDUCACIÓN POPULAR:
REFLEXIONES EN PREUNIVERSITARIOS EN LA REGIÓN METROPOLITANA
DE PORTO ALEGRE**

Bruno Gaspareto Silva¹

 0009-0000-2749-2496

brunogaspareto46@gmail.com

Victor Hugo Nedel Oliveira²

 0000-0001-5624-8476

victor.nedel@ufrgs.br

1 Licenciado em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-2749-2496>. E-mail: brunogaspareto46@gmail.com.

2 Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professor e Pesquisador do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5624-8476>. E-mail: victor.nedel@ufrgs.br.

Artigo recebido em maio de 2024 e aceito para publicação em abril de 2025.



Este artigo está licenciado sob uma Licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

RESUMO: A pesquisa aborda a interseção entre a temática das juventudes, o ensino de Geografia e a educação popular, com foco em cursinhos pré-vestibulares populares (PVPs). O estudo, de cunho qualitativo-quantitativo, exploratório e descritivo, investiga a percepção de jovens matriculados em PVPs na Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA), com idades entre 18 e 29 anos. Os resultados revelam uma ampla gama de percepções dos jovens sobre juventude, destacando suas visões multifacetadas. Em relação à educação popular, os motivos de matrícula nos PVPs incluem a acessibilidade de horários e questões financeiras. Quanto ao ensino de Geografia, prevalece a percepção de uma ênfase em conteúdos de natureza física. Essas descobertas indicam a heterogeneidade de desafios enfrentados pelas juventudes, sejam eles de ordem financeira ou emocional, evidenciando a importância de considerar suas diferentes perspectivas na formulação de políticas educacionais e sociais.

Palavras-chave: Juventudes. Jovens. Educação popular. Ensino de Geografia. Cursinho pré-vestibular popular.

ABSTRACT: The research addresses the intersection between the theme of youth, Geography teaching, and popular education, focusing on popular pre-university courses (PUPCs). The qualitative-quantitative, exploratory, and descriptive study investigates the perception of young people enrolled in PUPCs in the Metropolitan Region of Porto Alegre (MRPA), aged between 18 and 29 years old. The results reveal a wide range of perceptions of youth, highlighting their multifaceted views. Regarding popular education, reasons for enrollment in PUPCs include accessibility of schedules and financial issues. Regarding Geography teaching, there is a perception of an emphasis on physical nature contents. These findings indicate the heterogeneity of challenges faced by youth, whether they are financial or emotional, highlighting the importance of considering their different perspectives in the formulation of educational and social policies.

Keywords: Youths. Youngs. Popular education. Geography teaching. Popular pre-university course.

RESUMEN: La investigación aborda la intersección entre la temática de las juventudes, la enseñanza de la Geografía y la educación popular, con un enfoque en los cursos preuniversitarios populares (CPPs). El estudio, de naturaleza cualitativo-cuantitativa, exploratoria y descriptiva, investiga la percepción de jóvenes matriculados en CPPs en la Región Metropolitana de Porto Alegre (RMPA), con edades entre 18 y 29 años. Los resultados revelan una amplia gama de percepciones de los jóvenes sobre la juventud, destacando sus visiones multifacéticas. En relación con la educación popular, los motivos de matrícula en los CPPs incluyen la accesibilidad de horarios y cuestiones financieras. En cuanto a la enseñanza de la Geografía, prevalece la percepción de un énfasis en contenidos de naturaleza física. Estos hallazgos indican la heterogeneidad de desafíos enfrentados por las juventudes, ya sean de orden financiero o emocional, evidenciando la importancia de considerar sus diferentes perspectivas en la formulación de políticas educativas y sociales.

Palabras clave: Juventudes. Jóvenes. Educación popular. Enseñanza de la Geografía. Curso preuniversitario popular.

PALAVRAS INICIAIS

A interseção entre a formação de professores de Geografia e a compreensão das juventudes oferece importante perspectiva para o aprimoramento das práticas pedagógicas (Silva; Oliveira, 2023a). Ao explorar as dinâmicas sociais e territoriais que envolvem as juventudes, abre-se um caminho rico para a reflexão sobre como a Geografia pode dialogar com as experiências e perspectivas desses sujeitos. A partir do reconhecimento das mudanças sociais refletidas nas juventudes, torna-se aberta a necessidade de uma abordagem sensível no contexto educacional, especialmente diante das desigualdades presentes nos sistemas de ensino (Oliveira, 2020). Nesse sentido, emerge a importância de investigar as manifestações das juventudes e práticas pedagógicas que buscam compreendê-las e incorporá-las de maneira significativa.

A formação de professores de Geografia é enriquecida pela exploração das juventudes, essencial para entender os sujeitos com os quais eles irão interagir. Segundo Dayrell (2007), as juventudes são multifacetadas, refletindo mudanças sociais significativas. Estudar essas manifestações extravaza o campo acadêmico, sendo fundamental para compreender as dinâmicas nas práticas pedagógicas futuras. Na Geografia, a pesquisa com juventudes vem crescendo, em especial por buscar reconhecer a dimensão espacial de suas experiências (Oliveira, 2023). Esse tipo de investigação oferece uma lente singular para analisar como as e os jovens interagem e moldam os lugares onde vivem. Um foco recente é nas juventudes rurais e periféricas, essenciais para uma visão ampla. Apesar da alta audiência, ainda há poucos estudos sobre suas realidades (Oliveira, 2021), ao destacar lacunas na compreensão das experiências dos jovens.

A diversidade das juventudes é central, refletida em suas vidas na cidade, no campo, na política e na economia. A relação entre juventude e trabalho configura-se, portanto, como algo urgente, em especial para jovens periféricos. Tais estudos revelam desafios como a precariedade e as dificuldades em conciliar trabalho e estudo (Corrochano, 2023). A crescente participação política das juventudes também é de se destacar, uma vez que refletem mudanças políticas e sociais mais amplas (Oliveira *et al*, 2018). Reconhecer a mobilidade e a territorialidade das e dos jovens é fundamental, assim como as nuances de suas experiências. Na escola, as juventudes demandam inclusão e representatividade, particularmente em um contexto político desafiador (Severo, 2023). A Geografia também busca compreender essas complexidades, ao explorar as relações entre jovens e o espaço, abrangendo uma diversidade de territórios e experiências.

A trajetória da educação brasileira reflete as condições sociais e econômicas contemporâneas, marcadas pela desigualdade e pela escassez de infraestrutura no sistema público de ensino. Diante desse cenário, surgiram os cursinhos pré-vestibulares populares como uma resposta ao descaso público em relação à educação (Carvalho, 2013). Esses cursinhos se tornaram uma alternativa para jovens de baixa renda, que muitas vezes enfrentam a difícil escolha entre pagar mensalidades elevadas em cursos preparatórios ou ingressar diretamente no mercado de trabalho sem prosseguir para o ensino superior. A baixa qualidade na infraestrutura do ensino nos sistemas públicos, que frequentemente não preparam adequadamente os alunos para os exigentes exames de admissão, contribui para perpetuar a desigualdade de acesso ao ensino superior (IBGE, 2022).

Tal dificuldade de acesso ao ensino superior é agravada pela chamada “indústria dos cursinhos”, na qual instituições privadas oferecem também o ensino médio, adaptando seus currículos às

exigências dos exames de admissão (Pereira, 2007). Esse contexto torna praticamente inalcançável uma vaga em uma instituição de ensino superior pública para os menos privilegiados, perpetuando o descompasso entre excelência acadêmica e acessibilidade (Pereira; Raizer; Meirelles, 2010). Os cursinhos populares surgem então como uma resposta a essas barreiras, ao preparar os estudantes para os exames e também promovendo a conscientização de sua condição social, já que lhes proporcionam mais autonomia e participação cidadã (Carvalho, 2013). Desde os anos 40, esses cursinhos têm sido uma importante ferramenta na luta contra as desigualdades educacionais, quando buscam oferecer oportunidades de preparação para o ensino superior às camadas populares e, ao mesmo tempo, ao desafiar as estruturas de hegemonia do sistema educacional (Castro, 2005).

Desde o surgimento dos cursos de Licenciatura em Geografia em diversas universidades, um debate contínuo tem se desenvolvido sobre o ensino da disciplina, enfatizando a interação entre a Geografia acadêmica e a Geografia escolar. Historicamente, a Geografia acadêmica foi considerada a única fonte legítima de conhecimento, enquanto a Geografia escolar foi subestimada como uma mera aplicação simplificada desse conhecimento (Callai, 2011; Cavalcanti, 2008). Essa dicotomia persiste em alguns contextos, nos quais a escola é frequentemente relegada a um papel secundário, com as e os professores atuando mais como executores do que construtores de conhecimento, seguindo modelos de currículo distantes da realidade da sala de aula e dos alunos.

No entanto, é imperativo estabelecer um diálogo entre essas duas esferas da Geografia. A Geografia escolar desempenha um importante papel, complementando o conhecimento acadêmico, uma vez que a compreensão das questões físicas requer uma abordagem mais contextualizada. Nesse sentido, muitas universidades brasileiras incorporaram disciplinas de estágio para proporcionar aos alunos experiências práticas durante a graduação, sob a orientação de professores (Cacete, 2015). Contudo, críticos apontam para a limitação e a necessidade de diversificação das oportunidades de estágio para uma formação mais abrangente. A sala de aula é concebida como um espaço geográfico de estudo (Aguiar; Shinobu; Salvi, 2018), mas muitas vezes a dinâmica de poder entre professor e aluno reproduz estruturas autoritárias, contrariando o ideal de formação de cidadãos críticos e autônomos na educação escolar. Integrar perspectivas das próprias juventudes sobre o ensino da Geografia é fundamental (Oliveira, 2015), exigindo de professores uma abordagem sensível para promover uma compreensão crítica do mundo ao redor dos alunos e evitar a replicação de estruturas de poder prejudiciais dentro da cultura escolar. Através de abordagens inovadoras, a Geografia escolar pode transformar a percepção da escola como um espaço tradicional e opressivo, fomentando um ambiente de aprendizado participativo e crítico para formar jovens mais engajados e conscientes de seu papel na sociedade.

Considerando esse contexto, a presente pesquisa se propõe a analisar a percepção de jovens de cursinhos pré-vestibulares populares da Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA) sobre a juventude, a educação popular e o ensino da Geografia. A partir de uma abordagem qualitativa, busca-se identificar o perfil dos participantes, investigar suas percepções sobre a Educação Popular e os cursinhos pré-vestibulares populares, bem como compreender suas relações com o ensino da Geografia e a Educação Geográfica. Por meio dessa investigação, almeja-se contribuir para o entendimento das experiências e vivências das e dos jovens em contextos educacionais não formais, bem como para o aprimoramento das práticas pedagógicas voltadas para essa parcela da população.

PERCURSO METODOLÓGICO

Este estudo adotou uma abordagem quantitativo-qualitativa. A primeira etapa consistiu na aplicação de um questionário, que buscou compreender as relações de jovens-alunos de Pré-Vestibulares Populares (PVPs) com as instituições e analisar suas perspectivas sobre a juventude e o ensino de Geografia. Em termos de natureza, foi uma pesquisa básica, a fim de gerar novos conhecimentos para futuras investigações, com aplicabilidade direta na resolução de questões práticas. Os objetivos deste estudo são exploratórios e descritivos, pois miraram entender a complexidade da experiência e os motivos que levam os alunos a frequentarem um PVP. Conforme Gil (2007), as pesquisas exploratórias têm como objetivo desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, contribuindo para a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos subsequentes.

A pesquisa foi conduzida em dois PVPs na Região Metropolitana de Porto Alegre. Um deles estava localizado em uma das maiores escolas da região, o que facilitou o acesso aos alunos que estudam nela. Inicialmente, as aulas eram presenciais, mas ao longo do tempo, foram transferidas para o formato remoto. O outro PVP estava sediado na sede de um partido político de esquerda, com divulgação principalmente por meio das redes sociais e aulas presenciais. Ambos os PVPs ofereciam aulas gratuitas, sem taxas de matrícula. O público-alvo consistia em jovens entre 18 e 29 anos, dentro do recorte etário apontado no Estatuto da Juventude (Brasil, 2013).

A produção de dados foi realizada por meio de questionário, que abordou temas relacionados à juventude, educação popular e ensino de Geografia. Foram elaboradas quinze perguntas no total, distribuídas igualmente entre os três segmentos, com o objetivo de compreender a percepção dos jovens sobre esses temas. O questionário foi escolhido como técnica de produção de dados por sua capacidade de capturar informações sobre comportamentos e opiniões dos participantes (Günther, 2003). A análise dos dados foi conduzida com base na Análise de Conteúdo, seguindo as três fases propostas por Bardin (1977): pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados. Foram definidas três categorias a priori para análise dos dados: compreensão das juventudes, educação popular como ferramenta de transformação social e percepções sobre Geografia e seu ensino.

Este estudo respeitou as diretrizes éticas estabelecidas na Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2016). Foram adotadas medidas para proteger a privacidade dos participantes, como a não divulgação de informações que possam identificá-los, mantendo-se, igualmente, o anonimato das instituições participantes, que assinaram o Termo de Anuência (TA). A participação na pesquisa foi voluntária e os jovens participantes maiores de 18 anos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

RESULTADOS

Perfil dos participantes

A aplicação do questionário envolveu sete sujeitos-jovens, sendo quatro no primeiro e três no segundo cursinho pré-vestibular popular (PVP) participantes da pesquisa. O baixo número de adesão ao questionário reflete os elevados índices de evasão, comuns nos PVPs, um fenômeno que ecoa a questão da evasão escolar. Nascimento (2013) destaca diversas dificuldades na organização

de cursinhos populares, como falta de comprometimento, escassez de professores qualificados e recursos financeiros limitados, contribuindo para a evasão estudantil. Silva *et al.* (2010) corroboram, enfatizando a relevância da evasão como tema central nos cursinhos populares.

Para caracterizar os participantes, foram formuladas seis questões. Quanto à idade, os entrevistados tinham entre 18 e 28 anos, com a maioria concentrada entre 18 e 21 anos, exceto um participante de 28 anos. Esta faixa etária sugere uma busca por PVPs, principalmente por jovens que recentemente concluíram o Ensino Médio. A maioria dos entrevistados nos dois PVPs era do gênero feminino, em consonância com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2019), que apontam para uma maioria feminina no acesso ao ensino superior. Vale ressaltar a identificação de um dos participantes como não-binária, destacando também a temática da diversidade de gênero.

Quanto à situação parental, todos os entrevistados afirmaram não ter filhos, sugerindo que a maternidade/paternidade pode ser um obstáculo para a continuidade dos estudos, conforme evidenciado por Abdala (2014). A maioria dos participantes trabalha durante o dia e estuda à noite, com ocupações que variam de autônomos a empregos de baixa remuneração. Isso levanta a necessidade de mais opções de preparação para o vestibular para jovens de baixa renda, uma vez que os PVPs são movimentos sociais voluntários. Além disso, dois participantes estão desempregados, refletindo a dificuldade enfrentada pelos jovens em encontrar trabalho, conforme destacado por Corrochano (2023).

As atividades realizadas no tempo livre incluem afazeres domésticos, estudo, exercício físico, entretenimento digital e atividades criativas. Essa diversidade reflete a complexidade do conceito de tempo livre, discutido por Franch (2000), no qual atividades consideradas semilazer podem ser realizadas mesmo durante o tempo livre. Assim, as respostas dos participantes variam de acordo com suas percepções individuais sobre o que constitui tempo livre (Oliveira; Vasques, 2025).

Juventudes, jovens e percepções

O questionamento inicial acerca do eixo das Juventudes na pesquisa indagou sobre a definição de ser jovem, dada a complexidade dessas determinações. Mesmo ao considerar que todos os entrevistados estavam dentro da faixa etária de 15 a 29 anos, reconhecida como juventude pelo Estatuto da Juventude (Brasil, 2013), surgiram dúvidas entre os jovens-alunos, especialmente quando confrontados com diversas responsabilidades cotidianas. As respostas das e dos jovens-alunos destacaram a ideia de posse, seguida de conceitos como essência, existência e vida.

É salutar observar que algumas definições convergem para a ideia de que ser jovem implica estar em uma «transição entre a adolescência e a vida adulta», sugerindo que, embora legalmente considerados adultos, ainda não se percebem plenamente dessa forma. Esta dinâmica foi observada de maneira análoga em uma pesquisa realizada por Pimenta (2007), na qual também emergiu a questão da «adolescência» como uma categoria etária adicional. A autora argumenta que a transição é percebida como uma passagem direta da adolescência para a vida adulta, suscitando questionamentos sobre o papel da juventude nesse processo. A juventude, como representação social, parece transcender limites etários específicos, sendo considerada um “estado de espírito” compartilhado por diversos grupos. As representações tanto da “juventude” quanto do “adulto” compartilham características que permitem a criação de novas identidades. Muitos participantes, mesmo não se considerando adultos plenos, optaram por se identificar como “jovens adultos”.

Essa concepção de juventude como uma fase de transição abre espaço para uma abordagem mais compreensiva das necessidades específicas desse grupo etário, conforme destacado por Pimenta (2007). Alguns estudantes, que não se sentem plenamente adultos, preferem se denominar “jovens adultos”, como corrobora a resposta de um dos participantes: “Ser jovem para mim é a fase entre a adolescência e os 25 anos, em que somos legalmente adultos, mas ainda nos sentimos novos para isso, é a transição da adolescência para a vida adulta”. Nesse sentido, surge a reflexão sobre a questão da independência financeira, especialmente para jovens provenientes de famílias de baixa renda ou classe média, cuja maturidade financeira é, quando possível, uma conquista realizada unicamente ao longo da vida adulta.

Outro aspecto relevante é a autoavaliação das juventudes da investigação quanto à sua condição de jovens. A maioria dos participantes expressou que se considera jovem, embora uma resposta tenha sido negativa. As razões apresentadas variaram desde a idade até argumentos mais filosóficos, como a busca por conquistas pessoais e a percepção de que a juventude transcende a idade cronológica. A resposta negativa, por sua vez, levanta questões sobre a sobrecarga de responsabilidades em tenra idade, destacando a complexidade e a ambiguidade do tema.

Essas diversas perspectivas levantam questionamentos sobre a estabilidade emocional de jovens contemporâneos. A alta concordância com a afirmação “A maioria dos jovens encontra dificuldades em questões emocionais” é consistente com relatos individuais de jovens-alunos sobre suas experiências. A sociologia das emoções, como abordada por Sallas e Meucci (2023), oferece uma plataforma para compreender as culturas juvenis, destacando a complexidade e a variedade de emoções enfrentadas pelos jovens-alunos, influenciadas por fatores como emprego, estudo e responsabilidades precoces.

Em relação às dificuldades enfrentadas por jovens em questões financeiras, os dados da pesquisa são consistentes com a realidade brasileira, pois evidenciam a precariedade do mercado de trabalho para os jovens. A discrepância salarial entre diferentes faixas etárias e a falta de oportunidades de emprego impactam diretamente a independência financeira dos jovens, levando alguns a recorrerem a trabalhos informais e precários. Essas constatações são corroboradas por Ferreira e Pomponet (2020), ao destacarem a persistência das desigualdades sociais e educacionais no Brasil, mesmo diante de avanços na acessibilidade à educação e na criação de novos postos de trabalho. A segregação educacional, especialmente no acesso ao ensino superior, contribui para perpetuar as desigualdades sociais, privando muitos jovens da oportunidade de realizarem seus sonhos acadêmicos e profissionais.

Sobre jovens e educação popular

Durante a aplicação do questionário, o eixo “Jovens e Educação Popular” foi delineado para investigar de maneira abrangente as perspectivas das e dos jovens em relação a essa abordagem educacional. Cinco perguntas foram construídas nessa seção do questionário. A intenção deste eixo foi compreender, por meio dessas perguntas, as visões dos sujeitos em relação à educação popular, bem como suas interpretações sobre como esses projetos visam transformar a sociedade, além de explorar os motivos pelos quais escolheram participar dos PVPs.

O primeiro questionamento foi: “O que é educação popular?”. Tal indagação foi formulada considerando a diversidade de entendimentos sobre o tema, dada sua complexidade, especialmente para os alunos que buscam PVPs. As respostas dos jovens sobre o tema foram compiladas e, no geral, refletiram a relevância da “oportunidade”, seguida de “educação”, sendo “oportunidade” o termo mais

recorrente. Esta ênfase na palavra “oportunidade” é significativa, pois muitos jovens veem nos PVPs a chance de alcançar a aprovação em vestibulares e realizar seus sonhos profissionais, especialmente quando enfrentam desafios financeiros. Além disso, algumas respostas abordaram implicitamente o tema da “oportunidade”, como a descrição da educação popular como “educação de qualidade onde todos podem aproveitar”. Essa acessibilidade da educação popular é decisiva para atrair jovens afastados dos estudos devido às barreiras impostas pelo sistema capitalista.

Segundo Freire e Nogueira (2001), a educação popular é um esforço político que visa capacitar os estudantes de baixa renda ou provenientes de escolas públicas para ingressarem no ensino superior. Para esses autores, a educação popular desafia o poder burguês, tendo uma estreita relação com a vida política. Os jovens que mencionam a educação popular como um movimento político estão conscientes de sua natureza emancipatória, contrapondo-se às mensagens desestimulantes que recebem ao longo de suas vidas.

O segundo questionamento abordou o significado do curso popular frequentado pelos jovens-alunos em suas vidas. Essa questão visava compreender as percepções e sentimentos dos jovens em relação aos PVPs. As respostas dos sujeitos destacaram a importância do ensino de qualidade oferecido pelo curso, bem como a oportunidade de acesso ao ensino superior. As respostas também ressaltaram a palavra “ensino”, seguida de “meu”, indicando a importância pessoal e individualizada do curso. O sentimento de pertencimento gerado pela participação nos PVPs é evidente, com muitos alunos expressando gratidão e reconhecimento pela ajuda proporcionada pelo curso. Essa conexão emocional com os PVPs é reforçada por relatos de jovens que, após serem aprovados em vestibulares, retornam para auxiliar no desenvolvimento do curso.

A terceira pergunta dessa seção consistiu em uma afirmação na escala Likert, solicitando aos respondentes que expressassem seu grau de concordância com a afirmação “Iniciativas como a de um cursinho gratuito promovem importantes mudanças sociais”. A maioria indiscutível dos participantes concordou plenamente com essa afirmação, demonstrando uma crença na capacidade dos PVPs de promover mudanças sociais significativas. A educação popular, enquanto prática não formal, surge historicamente no Brasil como uma crítica à desigualdade no acesso à educação, especialmente no ensino médio e superior.

A origem da educação popular no Brasil remonta às organizações ligadas à igreja católica, em particular à teologia da libertação, e aos movimentos sociais e populares que resistem aos sistemas vigentes. Essas práticas não formais surgiram como alternativas construídas fora do aparato estatal, refletindo uma crítica à falta de acessibilidade à educação. Professores que lecionam em PVPs acreditam na capacidade desses projetos de transformar a sociedade e buscam comunicar esse sentimento aos alunos. Compartilha-se da visão de Ferreira (2018) sobre a importância da educação popular como uma ferramenta libertadora e emancipadora. Movimentos de educação popular não se limitam apenas à preparação para vestibulares; eles também abordam questões sociais importantes, como antirracismo, feminismo e diversidade, transformando essas juventudes não apenas academicamente, mas também politicamente conscientes.

Na quarta pergunta, os jovens foram questionados sobre os três principais fatores que os levaram a escolher participar de PVPs. A gratuidade e o horário noturno foram os motivos mais citados, refletindo a importância da acessibilidade e da flexibilidade para os jovens trabalhadores que frequentam esses cursos. A pesquisa confirmou que o horário noturno é um atrativo para estudantes

que trabalham durante o dia, destacando a necessidade de adaptação dos PVPs à rotina desses sujeitos.

Ao final dessa seção, as e os jovens-alunos foram convidados a resumir o trabalho de seus professores nos PVPs em uma palavra. Palavras como “dedicação” e “democrática” foram destacadas, e isso pode ser lido como o destaque ao compromisso dos professores em adaptar-se à rotina e às necessidades dos alunos, além de promover um ambiente de aprendizado inclusivo e participativo. Considerou-se que os PVPs representam uma intersecção de interesses entre estudantes, professores e coordenadores, que compartilham o objetivo comum de alcançar o sucesso acadêmico e promover mudanças sociais. Esses projetos preparam estudantes para os desafios dos vestibulares, capacitando-os politicamente, fortalecendo sua consciência de classe e sua capacidade de transformar a sociedade.

Sobre jovens e o ensino de Geografia

No que se refere ao eixo jovens e ensino de Geografia, também foram formuladas cinco perguntas para entender a perspectiva dos jovens sobre o ensino de Geografia nos PVPs, bem como o que eles compreendem sobre a Geografia enquanto ciência. Na primeira pergunta, indagamos: “Para você, o que é Geografia?”, buscando compreender a visão deles sobre a disciplina e interpretar suas percepções sobre Geografia. É relevante observar que entre as palavras mais citadas estão “Terra”, “Estudo”, “Planeta” e “Tudo”.

É importante destacar a visão abrangente que esses jovens têm sobre a Geografia. Alguns compreendem de forma genérica que se trata do “Estudo do planeta” ou de “uma matéria importante”. Outros ressaltam o estudo de “aspectos físicos”, como se fossem os únicos temas abordados em Geografia. Constou-se, portanto, um entendimento superficial sobre o tema, o que não é culpa dos jovens-alunos. Como mencionado anteriormente, eles são predominantemente provenientes de escolas públicas e frequentemente enfrentam a falta de professores. Considerando que a Geografia é a ciência responsável por compreender o espaço e suas relações por meio de ações com objetos, não está totalmente errado afirmar que a Geografia aborda todos esses temas. A resposta que melhor define a Geografia pode ser também a mais abrangente, dada a complexidade da ciência que estudamos, conforme afirmou Santos (1978):

O espaço deve ser considerado como uma totalidade, a exemplo da própria sociedade que lhe dá vida [...] o espaço se define como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais que se manifestam através de processos e funções (Santos, 1978, p. 122).

O espaço é uma totalidade, assim como a sociedade que o constrói. É um conjunto de funções que refletem as interações do passado e do presente. Nada é mais amplo e preciso do que essa definição de um dos mais reconhecidos geógrafos de todos os tempos.

Na segunda pergunta, acrescentamos uma afirmação na Escala Likert questionando o grau de concordância dos alunos com a frase “A Geografia contribui para uma melhor compreensão da sociedade”. A concordância foi unânime, embora um dos alunos tenha assinalado “concordo parcialmente” (14,3%), enquanto os outros (85,7%) concordaram plenamente. Neste caso, é interessante refletir sobre a visão desses jovens-alunos sobre a importância da Geografia na sociedade.

Todos concordaram que a Geografia contribui para uma melhor compreensão da sociedade, o que está completamente correto. A Geografia estuda as representações das relações sociais do passado e do presente, o espaço, o tempo e os objetos. Seguimos corroborando com Santos, quando afirma que

O espaço, por suas características e por seu funcionamento, pelo que ele oferece a alguns e recusa a outros, pela seleção de localização feita entre as atividades e entre os homens, é o resultado de uma práxis coletiva que reproduz as relações sociais [...] (Santos, 1978, p. 171).

Ou seja, o espaço, objeto de estudo da Geografia, evolui pela influência da sociedade contemporânea. Compreender a diversidade de terrenos, os padrões climáticos, as estruturas sociais e os comportamentos humanos em diferentes regiões é fundamental para a coexistência harmoniosa da sociedade e para garantir sua sustentabilidade. Portanto, a resposta dos jovens participantes corrobora com a importância da Geografia e com os principais conceitos para interpretar o espaço de forma adequada.

A terceira pergunta do eixo foi “Que aula de Geografia no Cursinho foi mais interessante? Descreva-a resumidamente.”. Neste caso, três alunos não puderam responder porque não estavam presentes nas aulas de Geografia nos respectivos PVPs. Nas respostas, foi possível verificar que as palavras mais frequentes foram “Assuntos” e “Biomass”. É interessante observar que a ideia de que a Geografia se limita a aspectos físicos, mencionada por um dos respondentes na primeira pergunta deste eixo, se deve ao fato de que todos os alunos citaram apenas aulas que enfatizam aspectos físicos, e outros três não assistiram às aulas de Geografia. Isso reforça o estereótipo de que o ensino de Geografia nas escolas, onde eles tiveram mais contato com a disciplina, unicamente aborda fuso horário, relevo, biomass e outros aspectos predominantemente físicos e ilustrativos.

Conforme observado nos relatos dos jovens-alunos, o ensino de Geografia realizado nas escolas ainda está caminhando lentamente em direção a uma aplicação crítica. Quando questionamos, na quarta pergunta do eixo, “Você percebe diferenças entre o ensino de Geografia que teve na escola e o que está tendo no cursinho? Por quê?”, foi possível ver claramente, pelas respostas, que há uma diferença significativa na aplicação do conteúdo de Geografia na escola e no PVP. As palavras “Escola”, “Cursinho”, “Muita” e “Diferença” foram mais frequentes. Ao analisar cada uma das respostas, percebeu-se que, entre os respondentes, há um consenso de que há uma diferença significativa no ensino de Geografia entre a escola e o PVP. Vale ressaltar dois relatos: um jovem afirmando que os períodos de Geografia foram reduzidos devido ao novo Ensino Médio (Silva; Oliveira, 2023b) e que as aulas eram ministradas por um professor de história; outro aluno afirmando que “na escola só respondíamos coisas do livro com base nos textos e o professor não explicava nada”, indicando que a forma como a Geografia é ensinada na escola hoje se assemelha à Geografia tradicional.

Dentro dessa abordagem, pode-se abordar a quinta e última pergunta, “A Geografia é uma disciplina importante para entender questões globais, como o motivo das guerras e as desigualdades sociais. Você concorda com essa afirmação? Por quê?”. Esta pergunta foi respondida pelos jovens-alunos, sendo que um deles alegou não saber responder. O objetivo era verificar a visão desses jovens sobre a Geografia como ciência crítica, dado o engessamento no ensino de Geografia em algumas escolas de forma geral, não apenas em instituições públicas. As palavras mais comuns foram “Sim” e “Concordo”, destacando a unanimidade entre os respondentes de que a Geografia é importante para entender questões globais.

Em seu contexto, Lacoste (1988) afirma que a Geografia não serve apenas para fazer a guerra e exercer o poder, mas também para influenciar e compreender estrategicamente a geopolítica. Portanto, é contraditório ensinar uma Geografia Tradicional na sala de aula junto aos alunos, uma vez que a Geografia Crítica sempre prevalece na mente de cada aluno. É importante ressaltar algumas respostas. Um dos alunos respondeu que “Sim, através do estudo demográfico, é possível reconhecer e apontar padrões que causam a miséria”. Isso indica que os alunos podem refletir sobre a Geografia como ciência estratégica e pensante, e não apenas reprodutora de conceitos e conteúdos. Outra resposta significativa foi “Sim, porque conseguimos entender as causas desses conflitos”. Isso significa que os alunos entendem que, por meio da Geografia, podemos entender o motivo dos conflitos e por que eles ocorrem. Mesmo com as aulas não tão boas que eles tiveram durante o Ensino Médio, ainda há uma visão de que a Geografia é uma ciência estratégica e crítica, e muito disso é devido ao que os alunos visualizaram no PVP.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, foram delineados três eixos de investigação, a saber: Juventudes, Ensino de Geografia e Educação Popular, com ênfase em um estudo de caso. O escopo do trabalho centrou-se na análise da percepção dos jovens matriculados em cursinhos pré-vestibulares populares na Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA) sobre a juventude, a educação popular e o ensino da Geografia. Os objetivos delineados consistiram em identificar o perfil dos jovens participantes dos cursinhos, elucidar suas percepções acerca da Educação Popular e dos cursinhos pré-vestibulares populares, bem como compreender as relações desses jovens com o ensino da Geografia proporcionado nos referidos ambientes e com a Educação Geográfica em geral.

Os conceitos abordados neste estudo foram embasados na temática das Juventudes, concentrando-se nas vivências dos jovens provenientes de áreas periféricas, e explorando as dificuldades enfrentadas por estes para prosseguir os estudos após o término do Ensino Médio, especialmente considerando a falta de alternativas acessíveis, como cursinhos pré-vestibulares privados. Tais indagações serviram de base para a discussão subsequente sobre Educação Popular, contextualizando sua emergência como resposta ao desamparo estatal por meio de movimentos sociais autônomos, visando proporcionar oportunidades educacionais a jovens provenientes de escolas públicas desprovidos de recursos para custear um cursinho privado.

Em relação ao ensino de Geografia, foi enfatizado o contraste entre a Geografia acadêmica e a Geografia escolar, ressaltando a relevância da Educação Geográfica no cotidiano dos estudantes. A discussão teórica abordou os motivos que levam os jovens a optarem pelos cursinhos pré-vestibulares populares e sua percepção sobre os eixos temáticos de juventude, educação popular e ensino de Geografia.

Ademais, foram discutidas questões relativas ao acesso limitado à educação no Brasil, bem como os desafios enfrentados pelos jovens no mercado de trabalho. No contexto da Geografia, buscou-se compreender a importância da educação geográfica nas escolas e explorar os debates em torno da Geografia escolar e da Geografia acadêmica. Além disso, salientou-se a relevância dos cursinhos pré-vestibulares populares em um cenário onde os jovens apresentam uma média salarial inferior à dos adultos, evidenciando a importância dessas instituições na mitigação das desigualdades educacionais.

Quanto à caracterização da pesquisa, esta adotou uma abordagem quantitativo-qualitativa, utilizando como instrumento de coleta de dados a aplicação de questionários. O cenário da pesquisa

compreendeu dois cursinhos pré-vestibulares populares na RMPA, com aulas ministradas no turno noturno. Os sujeitos da pesquisa foram jovens com idades entre 18 e 29 anos, sendo respeitados todos os princípios éticos envolvidos em pesquisas nas ciências humanas.

Em relação aos resultados, os sete participantes responderam ao questionário, todos dentro da faixa etária alvo (entre 18 e 29 anos), com diversidade em relação ao gênero e status de emprego. Os participantes expressaram diferentes concepções sobre o que significa ser jovem, destacando-se as dificuldades financeiras, de acesso à educação e ao mercado de trabalho enfrentadas pela maioria dos jovens. Quanto à Educação Popular, os jovens demonstraram compreensão sobre sua importância e citaram a questão financeira como um dos principais motivos para frequentarem o cursinho. No que tange ao ensino de Geografia, os participantes valorizaram os aspectos físicos da disciplina, destacando a diferença entre o ensino escolar e o ministrado nos cursinhos pré-vestibulares populares.

No entanto, a pesquisa enfrentou desafios, como a adesão dos alunos ao questionário e a disponibilidade de tempo para sua conclusão. Apesar disso, a experiência foi enriquecedora, proporcionando aprendizados teóricos e práticos, além de contribuir para uma compreensão mais ampla das temáticas abordadas. Este estudo possui potencial para auxiliar pesquisadores interessados nas áreas de juventude, educação popular e ensino de Geografia, bem como servir de referência para estudos futuros sobre o tema.

Os resultados revelaram a importância dessas instituições na mitigação das desigualdades educacionais e no apoio aos jovens de áreas periféricas e rurais em sua busca por oportunidades educacionais e profissionais. Além disso, apontaram para a necessidade de políticas educacionais e sociais mais inclusivas e sensíveis às diversas realidades enfrentadas pelas juventudes brasileiras. Ao finalizar a investigação, é impossível não se emocionar ao reconhecer a resiliência e a determinação dos jovens que enfrentam tantos obstáculos em sua busca por educação e oportunidades. Suas histórias, suas lutas e suas aspirações lembram da importância fundamental de oferecer suporte e oportunidades iguais para todos. Que este estudo sirva para além de uma fonte de conhecimento acadêmico, mas também como um lembrete poderoso de que cada voz jovem importa, e que devemos continuar trabalhando para construir um presente e um futuro mais justos e inclusivos para todas, todos e todes.

REFERÊNCIAS

- ABDALA, Vitor. **90% das mulheres com filhos deixam de estudar**. Agência Brasil. 2014. Disponível em: <https://noticias.r7.com/educacao/quase-90-das-mulheres-jovens-com-filhos-deixam-de-estudar-diz-ibge-17122014/>. Acesso em: 12 mai. 2024.
- AGUIAR, Marcio Miguel de; SHINOBU, Patrícia Fernandes Paula. SALVI, Rosana Figueiredo. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. (Org.) *et al.* **Movimentos e oscilações para ensinar Geografia**. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/149136>. Acesso em: 12 mai. 2024.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BRASIL. **Lei nº 9.306, de 5 de agosto de 2013**. Institui o Estatuto da Juventude. Brasília, DF, 2013. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/112852.htm. Acesso em: 12 mai. 2024.
- BRASIL. **Resolução 510, de 07 de abril de 2016**. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em: 12 mai. 2024.

- CACETE, Núria Hanglei. Formação do professor de geografia: sobre práticas de ensino e estágio supervisionado. **Revista da Casa da Geografia de Sobral**, v. 17, n. 2, 2015. Disponível em: <https://rcgs.uvanet.br/index.php/RCGS/article/view/240>. Acesso em: 12 mai. 2024.
- CALLAI, Helena Copetti. A geografia escolar – e os conteúdos da geografia. **Anekumene**, n. 1, v. 1, 2011. Disponível em: <https://revistas.pedagogica.edu.co/index.php/anekumene/article/view/7097>. Acesso em: 12 mai. 2024.
- CARVALHO, Márcio de. A educação popular como princípio dos cursinhos populares. **Cadernos CIMEAC**, UFV. 2013. Disponível em: <https://seer.ufm.edu.br/revistaelectronica/index.php/cimeac/article/view/1452>. Acesso em: 12 mai. 2024.
- CASTRO, Clóves Alexandre de. **Cursinhos alternativos e populares**: movimentos territoriais de luta pelo acesso ao ensino público superior no Brasil. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2005. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/89799>. Acesso em: 12 mai. 2024.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **A Geografia Escolar e a cidade**: Ensaio sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana. Campinas, São Paulo: Papirus, 2008.
- CORROCHANO, Maria Carla. Condição juvenil, trabalho e ações coletivas: notas a partir do contexto pandêmico. In: OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel (org.) **Debates sobre Juventudes**. Porto Alegre: GEPJUVE/UFRGS, 2023. Disponível em: <https://publicacoes.even3.com.br/book/debates-sobre-juventudes-1489275>. Acesso em: 12 mai. 2024.
- DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação e Sociedade**, v. 28, n. 100, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/RTJFy53z5LHTJfFSzq5rCPH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 mai. 2024.
- FERREIRA, Maria Inês Caetano; POMPONET, André Silva. Escolaridade e trabalho: juventude e desigualdades. **Revista de Ciências Sociais**, v. 50, n. 3, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.36517/rcs.50.3.d09>. Acesso em: 12 mai. 2024.
- FERREIRA, Samuel Crissandro Tavares. **E se a cidade fosse nossa**: A Educação Popular contribui na emancipação das juventudes na cidade? Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande, Programa de Pós-Graduação em Educação, FURG, Rio Grande, 2018. Disponível em: <https://sistemas.furg.br/sistemas/sab/arquivos/bdtd/0000012524.pdf>. Acesso em: 12 mai. 2024.
- FRANCH, Mônica. **Tardes ao léu**: um ensaio etnográfico sobre o tempo livre entre jovens de periferia. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010. Disponível em: <http://www.bdae.org.br/dspace/bitstream/123456789/1967/1/tese.pdf>. Acesso em: 12 mai. 2024.
- FREIRE, Paulo; NOGUEIRA, Adriano. **Que fazer**: teoria e prática em educação popular. Petrópolis: Vozes. 2001. Disponível em: <https://acervo.paulofreire.org/handle/7891/1405>. Acesso em: 12 mai. 2024.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2007. Acesso em: 12 mai. 2024.
- GÜNTHER, Hartmut. **Como elaborar um Questionário**. Brasília, DF: UnB, Laboratório de Psicologia Ambiental. 2003. Disponível em: <https://www.psiambiental.net/pdf/01Questionario.pdf>. Acesso em: 12 mai. 2024.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Conheça o Brasil - População Educação. **Educa IBGE**. 2022. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18317-educacao.html>. Acesso em: 12 mai. 2024.

- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Mulheres brasileiras na educação e no trabalho. **Educa IBGE**. 2019. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/criancas/brasil/atualidades/20459-mulheres-brasileiras-na-educacao-e-no-trabalho.html>. Acesso em: 12 mai. 2024.
- NASCIMENTO, Daniela do. **Política de acesso ao ensino superior**: uma análise dos cursinhos pré-vestibulares da Unesp. 138 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Marília, 2013.
- OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. **Somos jovens**: o ensino de geografia e a escuta das juventudes. 2015. Dissertação. Mestrado em Geografia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/128887>. Acesso em: 12 mai. 2024.
- OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel *et al.* Culturas juvenis e temas sensíveis ao contemporâneo: uma entrevista com Carles Feixa Pampols. **Educar em Revista**, v. 34, n. 70, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/V3LyTqKVfWfz6ZGNnfVVHbz/abstract/?lang=pt#ModalHowcite>. Acesso em: 12 mai. 2024.
- OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. **Jovens olhares sobre a cidade**: lugares e territórios urbanos de estudantes porto-alegrenses. Tese (Doutorado em Educação) – Escola de Humanidades. Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2020. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/9109>. Acesso em: 12 mai. 2024.
- OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. Juventudes e Educação: estado da arte de publicações em revistas A1 de universidades federais brasileiras (2010 – 2019). **Revista Educar Mais**, v. 5. n. 2, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.15536/reducarmais.5.2021.2279>. Acesso em: 12 mai. 2024.
- OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. **Geografias das Juventudes**. Porto Alegre: Grupo de Estudos e Pesquisas em Juventudes e Educação. 2023. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/256855>. Acesso em: 12 mai. 2024.
- OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel; VASQUES, Daniel Giordani. **Juventudes, Territórios e Lazer**. Porto Alegre: GEPJUVE/GESOE, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.29327/5473627>. Acesso em: 14 abr. 2025.
- PEREIRA, Thiago Ingrassia. **Pré-vestibulares populares em Porto Alegre**: na fronteira entre o público e o privado. Dissertação. Mestrado em Educação. UFRGS. 2007. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/10863>. Acesso em: 12 mai. 2024.
- PEREIRA, Thiago Ingrassia; RAIZER, Leandro; MEIRELLES, Mauro. A luta pela democratização do ensino superior. **Revista Espaço Pedagógico**, v. 17, n. 1, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.5335/rep.2013.2029>. Acesso em: 12 mai. 2024.
- PIMENTA, Melissa de Mattos. **“Ser jovem” e “ser adulto”**: identidades, representações e trajetórias. Tese de Doutorado. Doutorado em Sociologia. USP. 2007. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-15052007-111215/publico/SerJovemeSerAdulto.pdf>. Acesso em: 12 mai. 2024.
- SALLAS, Ana Luísa Fayet; MEUCCI, Simone. “O melhor medo da minha vida” - emoções nas ocupações estudantis. **Linhas Críticas**, Universidade de Brasília, v. 27, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.26512/lc27202136528>. Acesso em: 12 mai. 2024.
- SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978.
- SEVERO, Ricardo Gonçalves. Brasil 2022: política, ideologia e juventude. In: OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel (Org.). **Geografias das Juventudes**, GEPJUVE/UFRGS. 2023. Disponível em: <http://>

hdl.handle.net/10183/256855. Acesso em: 12 mai. 2024.

SILVA, Gabrielle Bezerra da; OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. Jovens e Geografia escolar no contexto do “novo” Ensino Médio. **Revista Signos Geográficos**, v. 5, 2023a. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/signos/article/view/77604>. Acesso em: 12 maio. 2024.

SILVA, Gabrielle Bezerra da; OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. Quem são os jovens que vivenciam o “novo” Ensino Médio? Um estudo de caso em Porto Alegre/RS. **Revista Educar Mais**, v. 7, 2023b. Disponível em: <https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/educarmais/article/view/3442>. Acesso em: 12 maio. 2024.

